

O TRABALHADOR

INFORMATIONS DE LA C.G.T. EN LANGUE PORTUGAISE

RÉDACTION ET ADMINISTRATION : 213, Rue Lafayette - PARIS-X^e - 2^{me} Année-Mensuel - N^o 7, Septembre 1967 - 50 CENT.

**TODOS UNIDOS NA ACÇÃO
PARA DEFENDER OS DIREITOS DOS TRABALHADORES**

ALTO À AGRESSÃO

CONTRA A SECURITE SOCIALE

O poder gaulista ataca a Sécurité Sociale. Ele quer desmantelar uma das mais belas conquistas operárias de que beneficiam hoje 34 milhões de pessoas em França. Contra ela, governo e patronato conduziram uma campanha incessante e mentirosa. Eles se baseiam num dito déficite da Sécurité.

Na realidade não há déficite na Sécurité Sociale. Durante vinte anos o seu orçamento foi sempre excedente. O que não impediu ao governo de recusar aos beneficiários emigrados os mesmos direitos e vantagens que aos beneficiários franceses como o pediam os administradores da Sécurité eleitos pelas listas da C.G.T.

Melhor o governo fez suportar à Sécurité cada ano, há cinco anos a esta parte, quatro milhões de francos de cargas indevidas que incumbiam ao Estado : 20 milhões no total. Por outro lado as fraudes e as dívidas patronais elevam-se a dois milhões.

Que o governo e os patrões pague mas suas dívidas. Que se suprimam as taxas exageradas sobre os produtos farmacêuticos e que se limitem os escandalosos lucros dos grandes monopólios da indústria química esperando pela nacionalização. Que o orçamento da saúde pública, que é um imperativa nacional, deixe de girar à volta da percentagem ridícula de 2,40 % do orçamento do Estado. Que as medidas propostas pela C.G.T. sejam tomadas em consideração e o orçamento da Sécurité será equilibrado.

**O DIREITO A SAUDE
E POSTO EM CAUSA**

**O PODER DE COMPRA
E REDUZIDO**

ENFIM, QUE AUMENTAM O NIVEL DE SALARIOS, que o governo recusa a elevar, E O SMEIOS DA SECURITE ENCONTRAR - SE - AO AUMENTADOS AO MESMO TEMPO.

Aumentado as cotizações, reduzindo os reembolsamentos, o governo espera tirar antecipadamente 3 milhões de francos dos bolsos dos beneficiários.

A sua operação, comporta essencialmente : duma parte, o aumento das cotizações de 0,50 % do montante dos salários, e a criação duma nova cotização de 1 %. O que representa 36 francos por ano de aumento para um salário

(Conclui na pág 2.)

**AS ORDENANÇAS :
ABSOLUTAMENTE NADA CONTRA A DESEMPREGO**

Actualmente há mais de 400.000 desempregados em França. E o número mais elevado depois de 1945. Com um crescimento, em um ano de 39 % do número de desempregados : o problema do desemprego toma proporções inquietantes.

As medidas tomadas sobre o emprego são sobretudo destinadas a fazer passar melhor, as outras, tomadas conta a « sécurité sociale ».

NÃO É POR ACASO SE AS MEDIDAS REFERENTES AO EMPREGO E AO « INTERESSEMENT » VIERAM A SEGUIR AO ATENTADO CONTRA A SECURITE SOCIALE. ESTAS NOVAS MEDIDAS SÃO DESTINADAS A LANÇAR A POEIRA AOS OLHOS DOS TRABALHADORES. MAS ESTAS MEDIDAS NÃO SÃO DE NATUREZA A FAZER ESQUERECER OS VERDADEIROS PROBLEMAS.

Com as lutas destes últimos meses, em particular na Lorraine no Nord-Pas-de-Calais pela garantia de emprego e do salário, com os protestos que se levantam por todo o lado e que anunciam reacções mais importantes dos trabalhadores, o governo não podia evitar de tomar algumas medidas. Fez o menos possível. Se recuou perante certas reivindicações, não tomou nenhuma medida contra a desemprego.

O governo e o patronato estão portanto bem colocados para conhecer a amplitude e a ameaça do desemprego : é o

resultado da sua política económica e social que o origina.

A sua política emprega-se a diminuir o nível de vida das massas trabalhadoras, o V^o plano prevê que o número dos «sem-emprego» poderá atingir 600.000.

As medidas mais martianas sobre o emprego referem-se : à indemnização de todos os desempregados e extensão desta indemnização a todo o território, com um ligeiro aumento das modalidades de pagamento, assim como um aumento na indemnização por baixa.

Alguns melhoramentos tradicionais, correspondem a reivindicações formuladas depois de longos anos pela C.G.T. Mas, de qualquer maneira, as « ordenanças » não trazem nenhuma solução ao problema do emprego.

Por outro lado, os jovens, os assalariados agrícolas, os empregados de casa, continuam a ser postos de lado e nada à feito pelos trabalhadores que fazem dois ou tres dias de trabalho por semana, os chamados desempregados-parciais, e que são uma grande parte.

O que é realmente necessário é uma verdadeira política de emprego e de luta contra o desemprego, mas o governo recusa-a. Como poderia ser doutro modo, se esse mesmo governo está ao serviço dos seus interesses, isto é, os interesses dos grandes monopólios capitalistas.

A C.G.T. justamente preocupada pelas questões de emprego elaborou um documento sobre este assunto, aprovado pelo recente 36^o Congresso e que foi remetido ao governo. Ele põe os verdadeiros problemas.

(Conclui na pág 2.)

TOULOUSE :

**Grande festa
da emigração**

Uma grande festa da emigração realizou-se a 8 e 9 de Julho nos Parque de Expositões de Toulouse. Organizado pela União Departamental da CGT de « Haute-Garonne », esta festa popular revestiu-se de enorme sucesso. Mais de 4.000 pessoas, entre as quais numerosos trabalhadores emigrados espanhóis, portugueses, argelinos e italianos, responderam ao apelo da CGT.

Dois bailes, uma « Kermesse », que proporcionou um grande encontro de pessoas, em redor dos stands dos trabalhadores espanhóis, argelinos e portugueses e uma animação nos rostos de cada um, que serviu também como salientou Marius Apostolo « para que os trabalhadores emigrados e franceses, afirmassem a sua posição à política anti-social do governo e do patronato e o seu firme desejo de reforçar a união dos trabalhadores a fim de prosseguir mais eficazmente as lutas necessárias ao melhoramento das condições de vida e de trabalho ».

Recordando « a solidariedade para com os povos que lutam contra os regimes da ditadura fascista, como Espanha, em Portugal, na Grécia, contra os ataques imperialistas contra a independência e a paz entre os povos, caso de heroico povo vietnamita ou no Médio-Oriente » Apostolo Marius, membro da C.A. da CGT acrescentou. « Vós sois milhares de trabalhadores emigrados com as vossas famílias estreitamente ligadas aos trabalhadores franceses e aos vossos responsáveis sindicais. Vós representais assim

(Conclui na pág 2.)

**SÁBADO
21
OUTUBRO**

**GRANDE JORNADA
NACIONAL DE ACÇÃO
PELA PAZ
NO VIETNAME**

O Movimento da Paz anunciou que « de acordo com as decisões da Conferência de Estocolmo pela paz no Vietname e em solidariedade com os pacifistas americanos que preveem nesta data, uma grande manifestação em Washington, o Movimento da Paz, fará todos os esforços indispensáveis para fazer do 21 de Outubro uma grande jornada de união e acção pela paz no Vietname e a independência do povo vietnamita ».

ASSEMBLEIA COM A DELEGAÇÃO NA RENAULT

Uma delegação de trabalhadores portugueses, ofereceu uma pequena lembrança à delegação dos sindicatos vietnamitas, leu uma mensagem e fez distribuir o seguinte texto, apoiando a vitoriosa luta dos nossos companheiros vietnamitas :

« Os trabalhadores portugueses emigrados em França e particularmente os portugueses da Renault, victimas da ditadura burguesa em Portugal, vêm em delegação dar a sua solidariedade aos camaradas vietnamitas ».

baseados no compromisso de lutar cada vez mais contra o regime português (e incluindo os imperialistas americanos, alemães e ingleses que possuem interesses económicos e bases militares no nosso país), apoiando desta forma a vitoriosa luta do povo vietnamita e de todos os povos do mundo que neste momento lutam pela sua liberdade e independência. »

A Comissão Sindical C.G.T. Portuguesa da Renault.

**EM GRENOBLE :
COLOQUIO SOBRE OS
TRABALHADORES EMIGRADOS**

Um colóquio consagrado ao estudo da situação dos trabalhadores emigrados no departamento de Isère, realizou-se em Grenoble no final do mês de Junho passado.

Organizado pelo Comité Departamental de defesa do emprego e das liberdades sindicais, reunia representações das organizações sindicais CGT, CFDT, CGT-FO, da FEN, dos partidos democráticos, das organizações populares, familiares e culturais, assim como do Comité Universitário pelo respeito dos direitos dos trabalhadores; isto é, os representantes dos sectores mais largos da população de Grenoble.

Este colóquio foi o primeiro que se realizou em França, com tão larga participação. Com a presença de todas as organizações operárias, correntes de opiniões políticas, filosóficas e religiosas ligadas ao progresso social e à democracia, podendo registar-se com grande satisfação os progressos realizados neste departamento pela defesa dos trabalhadores emigrados : o estudo dos seus problemas e a aplicação prática das suas análises.

Realizou-se um largo acordo durante os trabalhos, que terminaram com uma moção, apelando os trabalhadores a reforçar a sua solidariedade, condenando a su-

per-exploração dos emigrados e denunciando a responsabilidade directa e exclusiva do patronato e do governo nas discriminações de que são victimas os emigrados.

« Aproveitam-se duma mão de obra adulta, sem terem suportado

**GRANDE ASSEMBLEIA
EM OUTUBRO
EM DEFESA
DOS TRABALHADORES
EMIGRADOS**

o custo da vida infantil e adolescente, o que constitui uma exploração colectiva monumental », declar a moção, que pede igualmente

(Conclui na pág 2.)

EM PÁGINA 4

**O 36^o CONGRESSO
DA CGT E OS
TRABALHADORES
EMIGRADOS**

**Uma delegação
dos sindicatos
do Vietname
em França**

Respondendo ao convite da C.G.T., uma delegação da Federação dos Sindicatos do Vietname visita a França.

Neste momento em que, incapaz de esconder o fracasso que o heroico povo vietnamita lhe inflige, o agressor americano multiplica os seus monstruosos bombardeamentos contra a República Democrática do Vietname Norte, a vinda dos representantes dos sindicatos e dos trabalhadores vietnamitas, que coincide com o 22^o aniversário da República Democrática do Vietname, revestese dum significado cuja importância não escapa à classe operária e mais largamente a todos aqueles que condenam a agressão americana e lutam pela independência e a paz no Vietname.

O acolhimento reservado aos nossos camaradas vietnamitas, será à medida dos imensos sacrificios consentidos por este heroico povo e da nossa certeza na sua vitória. A sua presença é a ocasião de redobrar o ardor e as iniciativas para denunciar os crimes dos agressores americanos, a intensificação dos bombardeamentos da República do Vietname e para que se exprime cada vez mais poderosa a solidariedade moral e material da classe operária para com os nossos irmãos vietnamitas.

EM GENEBRA:

Os trabalhadores emigrados e 51ª Conferência da Organização Internacional do Trabalho

Como todos os anos, depois de meio século, a Conferência da Organização Internacional do Trabalho reuniu-se em Genebra, no Palácio que era no passado, a Sociedade das Nações. Cento e doze países, da Argélia à Zâmbia, estavam representados por dois delegados governamentais, um delegado patronal, mas também por um delegado trabalhador.

Pela primeira vez, depois de dezasseis anos, após uma longa e forte campanha em relação ao governo francês e da Organização Internacional do Trabalho (OIT), a CGT, organização mais representativa dos trabalhadores deste país, obteve finalmente o lugar de « delegado dos trabalhadores »; o nosso camarada René Duhamel, secretário da CGT, representava em Genebra o conjunto dos trabalhadores de França.

Sendo a OIT uma enorme e velha instituição, com uma ordem de procedimento, de formalismo, de regulamentação, de comissões, grupos e sub-grupos de trabalho, comités de redacção... incríveis, não é de forma alguma em Genebra que serão solucionados os grandes problemas que se colocam à classe operária francesa, assim como à dos outros países.

Mas a OIT, é a única das organizações internacionais onde os trabalhadores estão representados — podendo portanto falar, denunciar a injustiça, fazer valer os seus direitos por suas soluções. E isto é importante.

Um dos problemas postos em

discussão este ano era o dos trabalhadores emigrados, problema que interessa sobretudo em França, onde existem três milhões de seres humanos.

A discussão deveria esclarecer que « os trabalhadores emigrados são insuficientemente protegidos, no que se refere aos direitos do homem e os direitos do ponto de vista social e económico ». « Os tratados e convenções internacionais, as legislações nacionais incluindo algumas vezes cláusulas diferentes no que se refere às garantias e aos direitos concedidos aos trabalhadores emigrados e suas famílias. »

Esta conferência, na resolução referente à actividade da Organização Internacional do Trabalho, em favor dos trabalhadores emigrados, declara particularmente:

« Considerando a necessidade particular e urgente das medidas internacionais suplementares para proteger os trabalhadores emigrados e suas famílias... e de garantir nos factos a igualdade de tratamento entre os trabalhadores nacionais e emigrados... insistindo particularmente sobre o facto que o direito à liberdade sindical... deve ser garantido aos trabalhadores emigrados ». A conferência « convidou » o Gabinete Internacional do Trabalho a propor constantemente junto dos Estados... assegurando a igualdade de tratamento económico e social entre os trabalhadores emigrados e os trabalhadores nacionais sobretudo no que se refere à remuneração, à duração do tempo de trabalho, à « sécurité sociale », assim como à liberdade sindical.

Se esta resolução adoptada pela conferência, não resolve nada por ela própria, poderá servir de suporte a poderosas acções de massa de todos os trabalhadores, emigrados e franceses, pela igualdade dos direitos e todos os domínios para os trabalhadores emigrados.

Esta velha instituição (a OIT), não é de todo inútil, ela pode servir aos trabalhadores de todo o mundo, mesmo que para isso seja necessário modificá-la. Porque se os trabalhadores não têm necessidade de « grandes salões para os debates », eles têm necessidade de « uma tribuna mundial que lhes permita fazer valer com força os seus direitos perante as forças de exploração e da guerra ».

ECOS - ECOS

● RENAULT

APOS O ACIDENTE DE TRABALHO ELE E AINDA CASTIGADO

Um operário português teve um grave acidente de trabalho e foi-lhe atribuída uma pensão considerando-o com mais de 2/3 de incapacidade.

Desejando voltar definitivamente a Portugal, foi surpreendido pela informação de que não poderia continuar coberto pela « sécurité », se voltasse a estar doente no caso de receber a pensão.

E preciso terminar com este escândalo, pois se ele continuasse em França, além da pensão teria também direito à « sécurité », em caso de doença.

O facto de voltar ao seu país, o que é humanamente compreensível, não justifica um tal castigo, uma tal exploração.

● DESPEDIDO, POR TER FICADO DOENTE

Um trabalhador português que durante o período de contrato provisório foi obrigado a fazer uma operação, viu-se despedido quando o seu contrato atingiu os seis meses, pelo facto de nessa altura se encontrar ainda no hospital.

Esta desumana atitude, que demonstra bem a consideração que o patronato tem para conosco, trabalhadores emigrados, que não é mais do que a ideia de lucro e aproveitamento da nossa saúde, até ao momento em que esgotados somos obrigados ao a cair doentes numa cama ou a voltar ao nosso país.

O Sindicato C.G.T. da Renault, após várias medidas enviou uma carta à direcção sobre esta injustiça, e após uma assembleia, os trabalhadores emigrados portugueses assinaram uma petição exigindo à direcção a readmissão deste compatriota e protestando contra os contratos provisórios, arma que a direcção vira contra os trabalhadores emigrados, mantendo-os constantemente na incerteza e usando-os quando os seus interesses o exige.

ALTO À AGRESSÃO conta a Sécurité Sociale

(Conclusão da pág. 1)

de 600 francos, e de 60 francos para um salário mensal de 1.000 francos, ou ainda 111 francos por um salário mensal de 1.500 francos; do outro lado, com a diminuição de 10 % das taxas de reembolso médicas (médicos, enfermeiros, radiologistas, dentistas, etc.) e, em certas condições, os produtos farmacêuticos, a soma ficando a cargo do beneficiário, por uma visita, passará de 4 à 6 francos na região parisiense, por exemplo. As consultas que provocarão uma despesa de 20 francos a cargo do beneficiário, custar-lhe-ão cerca de 30 francos.

Nestas medidas, que equivalem a um diminuição de salários, na ordem de 3 milhões por um ano, para os 15 milhões de beneficiários, seja 750 milhões daqui ao fim do ano, aplicação partindo do 1º de Outubro e acrescentando uma série de aumentos afectando: as tarifas de transporte, o gás e a electricidade, os alugueres, os impostos, diversos produtos alimentares e outros.

NOS ESTAMOS EM PRESENÇA DA OFENSIVA MAIS VIRULENTA QUE TEMOS CONHECIDO CONTRA O PODER DE COMPRA DAS FAMÍLIAS OPERARIAS.

Este atentado à unidade do regime da Sécurité Sociale pela criação de três caixas distintas, o governo põe em caus adversos riscos: doença, maternidade, acidentes de trabalho, velhice e procede a um verdadeiro desmantelamento duma das mais importantes conquistas da classe operária.

O GOVERNO O SUPRIME O DIREITO DE VOTO AOS BENEFICIÁRIOS E DA PODERES EXORBITANTES AO PATRONATO

Os administradores eram eleitos proporcionalmente pelo conjunto dos beneficiários, e incluindo pelos trabalhadores emigrados. O governo suprime as eleições e entende designar a seu agrado os administradores duma representatividade falsificada.

Enquanto as cotizações sociais deveria caber apenas aos assalariados, o governo

diminui a maioria dos trabalhadores e aumenta a representatividade dos patrões dandolhes a metade dos lugares contra o quarto anterior.

ASSIM UM MILHAO DE PATROES TERA O TANTO DE REPRESENTANTES QUE OS 15 MILHOES DE ASSALARIADOS.

Abre-se assim a via a novas medidas restrictivas. E um escândalo intolerável quando se conhece o papel do patronato nos conselhos atuais, e o montante das suas dívidas para com a Sécurité.

E um novo e grave atentado à gestão democrática das Caixas às liberdades democráticas. Patronato e governo entendem assim prosseguir e agravar o ataque contra o conjunto dos beneficiários e os direitos adquiridos pelos trabalhadores.

Os desejos do Conselho Nacional do Patronato Francês satisfeitos!

TRABALHADORES PORTUGUESES A SEURITE SOCIALE, E UM DIREITO VOSSO, E UM ASSUNTO VOSSO

L'INTERESSEMENT muito baruhlo para nada

Desde sempre o patronato tentou fazer esquecer aos trabalhadores as duras realidades da luta de classes e de os encaminhar a colaborar com ele para melhor forjar as suas próprias cadeias. Um dos meios utilizados para tentar alienar os trabalhadores é a associação do capital e do trabalho.

Este interesse dos trabalhadores sobre o capital, é uma nova forma. Para mudar a condição operária, fala-se de distribuir algumas acções e assim os assalariados terão a « sorte » de viver numa sociedade onde todo a gente será mais ou menos patrão. Este velho truque, que já serviu muito, apenas em formas diferentes, é o truco comum aos poderes autoritários.

Nesta confusão capitalista de hoje, não há outra questão que as fusões, absorções de sociedades, de grandes concentrações de capitais nas mãos de uma minoria cada vez mais reduzida. A quem querem fazer acreditar, que estes mesmos capitalistas que se devoram entre eles, sem se pouparem, para concentrar capitais, estão prontos a dividir com os trabalhadores que eles obrigam a dura greves para obter um melhor salário.

Este « intéressement » não é senão « uma cenoura para fazer avançar o burro », não revolucionará a velha sociedade capitalista, tendo a um lado os exploradores e do outro as suas vítimas.

Variando segun o as empresas, algumas vezes igual a zero, o « intéressement » nada produzirá. Por outro lado, estas « acções » distribuídas não seriam negociáveis antes de cinco ver oito anos. Ficando assim à disposição das empresas capitalistas ou dos bancos não menos capitalistas, como uma espécie de economia forçada, destinada a fazer participar os trabalhadores no autofinanciamento das empresas.

Esta intrujice não enganará o trabalhador português da luta unida pelos salários porque a família ficou em Portugal e não tem outro meio, senão o seu braço, para viver.

« Ficar-se pelo simples salário, é manter a luta de classes » repetia ultimamente o chefe de Estado. As « ordenanças » não a farão desaparecer nem mesmo parar, antes pelo contrário.

Toulouse

(Conclusão da pág. 1)

a verdadeira face da classe operária de numerosas regiões industriais de França, que vive, se esgota e luta contra os exploradores comuns.

Depois de ter denunciado a atitude do patronato e dos poderes públicos para com os emigrados, recordou as discriminações e as reivindicações destes últimos, as posições da CGT e as suas soluções, Marius Apostolo concluiu nestes termos: « Esta acção será cada vez mais eficaz desde que os nossos irmãos emigrados participem efectivamente à acção sindical e serão associados às decisões tomadas. »

« E para que a acção da CGT tenha ainda mais de eficácia, nous apelamos para todos os trabalhadores emigrados que ainda o não fizeram de aderir à CGT. »

« Todos têm lá o seu lugar. A CGT é uma grande organização de massas, independente de partidos políticos, das igrejas, do patronato, do governo, de toda a filosofia. É uma organização livre. Todos os trabalhadores a têm seu lugar. »

« Eis o que é necessário explicar ao vosso redor, porque nós sabemos que as campanhas mentirosas que são desenvolvidas pelos Consulados, as Embaixadas, as organizações reaccionárias e confessionais para tentar impedir os trabalhadores emigrados, usando pressões e ameaças. Mas é evidente que estando na CGT, os trabalhadores serão melhor defendidos do que se ficarem isolados. »

« E é união, em conjunto, que faremos triunfar as nossas reivindicações, esperando o dia onde os trabalhadores emigrados terão a alegria e nós também, de festejar o triunfo da liberdade e progresso social nos seus países. »

Durante este « meeting », no decurso do qual, Pierre Bagui, secretário da União Departamental, membro da C.A. da CGT devia igualmente tomar a palavra e um estudante espanhol assegurou aos trabalhadores de França a solidariedade da classe operária de Espanha. A União Nacional dos Estudantes de França dirigiu um colorido telegrama de solidariedade aos participantes da grande festa da emigração.

ARIEGE

Nas pedreiras de Tremouens-Lauzenac onde se empregam cerca de 600 a 800 trabalhadores provisórios, por um período de seis meses, com especial participação de portugueses, espanhóis e marroquinos, donde uma grande parte vem de aderir à CGT, após uma luta de que os trabalhadores saíram vitoriosos.

Após uma greve, a direcção recusou-se a pagar uma prima de 2 % e recusou o direito a férias pagas ao pessoal da pedreira.

Pela acção da CGT, o Tribunal de Foix condenou a sociedade a pagar as férias. Por outro lado dada a vitória dos trabalhadores, a sociedade reconheceu o direito à referida prima, que será paga aos trabalhadores emigrados no final do seu contrato.

Grenoble

(Conclusão da pág. 1)

mente a elaboração, no mais curto espaço de tempo, dum estatuto de igualdade para os trabalhadores emigrados, prevendo especialmente « a igualdade dos direitos sindicais e sociais, a liberdade de imprensa e associação, a participação das organizações sindicais no funcionamento do Ofício Nacional de Emigração. »

O colóquio de Grenoble propôs « que os partidos democraticos efectuem na Assembleia Nacional uma acção referente » a um tal estatuto.

O Comité de Defesa do Emprego foi autorizado a organizar a partir de Outubro de 1967 « uma importante assembleia » para popularizar o resultado destes trabalhos.

Foi decidido de redigir um « livro branco » sobre as discriminações de que são vítimas os emigrados do aglomerado de Grenoble e de organizar um novo colóquio em Junho de 1968.

O 36º CONGRESSO E O TRABALHADORES IMIGRADOS

— Porque razão as questões relacionadas com a imigração, foram discutidas no 36º Congresso? perguntamos a Marius Apostolo, membro da Comissão Administrativa da C.G.T.

Os trabalhos do Congresso interessaram-se bastante pela situação dos trabalhadores imigrados em França. Durante o Congresso onde estavam representados trabalhadores de todas as nacionalidades, os delegados mostraram a conjunto de interesses e objectivos que unem os trabalhadores imigrados e franceses. Por outro lado, o camarada Benoît Frachon, sublinhou no seu discurso a importância que a C.G.T. dá aos problemas dos imigrados.

— Nas diferentes resoluções do Congresso, salientaram-se as reivindicações gerais e particulares dos trabalhadores imigrados. Os congressistas deviam igualmente ter votado uma resolução sobre a mão de obra imigrada. Qual a ideia geral desta resolução?

Ae resolução do Congresso, reafirmou a orientação fixada pelos Congressos anteriores, no que se refere à mão de obra imigrada, declarando :

« E termos de classe que se colocam os problemas referentes à imigração operária e, é em função, por um lado do internacionalismo proletário e por outro, da solidariedade que existe entre trabalhadores franceses e trabalhadores imigrados, que a C.G.T. espera resolvê-los. »

Sem esquecer o facto que na agricultura, certas indústrias e numerosas empresas, a mão de obra imigrada é indispensável para o desenvolvimento da actividade económica.

Depois de ter analisado as causas da imigração e mostrado como a política do governo e do patronato agrava ainda mais a exploração destes trabalhadores, pondo-os à mercê da ganância dos patrões e os envia para esses imundos e desumanos bairros de lata « bidonvilles », a realização devia sublinhar que « na conjuntura actual marcada pela concentração acelerada das empresas capitalistas, por um início sério de desemprego, pelo recuo de certas indústrias onde, precisamente, a mão de obra estrangeira é particularmente importante (minas, construção civil, têxtil, produção de aço), os problemas complexos e delicados da imigração tomam um maior relevo, e requerem das organizações e dos militantes da C.G.T., uma atenção e uma reflexão mais profundas.

Nas dificuldades económicas actuais, os trabalhadores imigrados não têm nenhuma responsabilidade, sobretudo no que se refere ao desemprego, que é um resultado do regime capitalista. Em Itália, Espanha e Portugal, não existe mão de obra estrangeira e o desemprego é uma realidade. Em França, o desemprego é um objectivo do Vº Plano do Governo.

Não somente o patronato e o governo querem, para o desenvolvimento da imigração, procurando mão de obra o mais barata possível, mas ainda, visam introduzir, tanto quanto possível, a divisão entre os trabalhadores, opondo o proletariado francês ao proletariado imigrado, criando a concorrência entre eles, alimentando campanhas de racismo. Mas, os factos demonstram que os trabalhadores imigrados e particularmente aqueles que estão organizados pelos sindicatos C.G.T. e apesar das pressões patronais, participam às lutas reivindicativas, como testemunham as últimas greves. **As manobras quer dos patrões quer do Governo têm servido apenas para reforçar a unidade de todos os trabalhadores sobre a base dos seus interesses comuns.** A realização desta unidade, reside no reconhecimento da reivindicação fundamental e do princípio da igualdade dos direitos, em todos os domínios, para os trabalhadores imigrados.

Numerosas discriminações são feitas aos trabalhadores imigrados vítimas da falta dum contrato de trabalho, que lhe garante a aplicação das medidas legais relativas aos salários, aos direitos sociais e às condições de alojamento. Estas discriminações determinam reivindicações particulares, essenciais para os trabalhadores imigrados.

Por outro lado — sublinha o texto adoptado — os trabalhadores imigrados são interessados pelas reivindicações de ordem geral (aumento de salários, redução do tempo de trabalho sem perda do salário, defesa da « Sécurité Sociale ») Mas estas reivindicações serão mais particulares à mão de obra imigrada, desde que as discriminações de que é vítima seja combatidas. **As concessões colectivas devem assegurar a igualdade dos direitos para todos.**

Por isso o Congresso apelou para todas as organizações sindicais a considerar as reivindicações particulares dos imigrados, como parte integrante do seu programa reivindicativo e por acção os mais diversos meios para assegurar o seu sucesso; reclamar a extensão dos direitos previstos para os nacionais dos países membros da C.E.E. a todos os trabalhadores imigrados, como primeira etapa para a igualdade dos direitos em todos os domínios. Com o direito ao trabalho, o respeito dos contratos, a igualdade do salário real e da qualificação por um trabalho igual àquele da mão de obra francesa, devem ser garantidos aos trabalhadores imigrados, sobretudo em matéria de salário, acrescenta a resolução.

Quanto aos direitos sociais, reclama : « Igualdade dos direitos para os trabalhadores imigrados, quaisquer que sejam a sua origem e lugar de residência da sua família, sem nenhuma discriminação, no que se refere a taxas e tempos, das vantagens sociais previstas pela legislação francesa. »

BENOÎT FRACHON É O PRESIDENTE DA C.G.T.

Benoît Frachon representa 50 anos de história do movimento sindical francês e quarenta anos de actividade ao serviço do movimento sindical internacional.

Nascido a 13 de Maio de 1893 no departamento Loire, começou a trabalhar como metalúrgico com 13 anos. Com 16 anos, sindicalizou-se e no ano seguinte fez pela primeira vez parte duma greve.

Em 1918, tomou parte activa contra a guerra; em 1920, foi delegado do seu atelier e dirige as greves em Marselha. Preso em 1924 por ter dirigido a greve dos metalúrgicos de St. Étienne, foi de novo preso em 1929 pela sua acção contra o fascismo e a guerra.



Secretário da C.G.T. u. (Confederação Geral do Trabalho Unificada) em 1933 luta corajosamente pela unidade sindical. Toma parte activa nas grandes greves e na Conferência Matignon que levaram às conquistas operárias de 1936, a chamada Frente Popular.

Em 1939, Benoît Frachon escapou à polícia e durante cinco anos, dirige a CGT na clandestinidade (durante o período da guerra). Sobre a sua direcção, durante este período de tempo foram publicados 213 números clandestinos da « Vida Operária ».

Secretário Geral da CGT com Jouhaux, em 1945, cargo que manterá até aos nossos dias.

Em 1953 é de novo inculcado pelo seu apoio ao heroico povo vietnamita.

Sobre o plano internacional, participa no Congresso da Federação dos Sindicatos Mundiais do qual é um dos vice-presidentes.

Hoje, como ontem, Benoît Frachon, à cabeça da CGT, continua a luta de toda a sua vida, pelo bem-estar, pela paz e a Liberdade.

GEORGES SÉGUY O NOVO SECRETARIO GERAL DA C.G.T.

Georges Séguy nasceu em Toulouse a 16 de Março de 1927. Aprendiz de tipógrafo, alistou-se com 15 anos nos franco-atiradores e partidários, no período da Resistência, durante a ocupação fascista em 1942.



Preso em 1944 pela Gestapo (Polícia Alemã do tempo de Hitler), é deportado o campo de concentração de Mathausen; Georges Séguy começou desde muito cedo a sua luta ao serviço do povo.

Libertado pela vitória antifascista em maio de 1945, trabalha como electricista na SNCF (caminhos de ferro franceses). Com 22 anos, em 1949, é eleito secretário da Federação CGT dos Caminhos de Ferro, do qual se torna secretário-geral em 1961.

No 35º Congresso, em 1965, é eleito secretário confederal da CGT.

Quanto à formação profissional, o congresso sublinhou a necessidade de desenvolvimento do Fundo de Acção Social e extensão aos problemas referentes à mão de obra imigrada, das atribuições da Comissão de Formação profissional dos Comités de Empresa.

A propósito das condições de alojamento, a resolução declara : « A C.G.T. conduzirá uma acção para que os poderes públicos tomem medidas urgentes em vista de possibilitar aos trabalhadores imigrados e suas famílias, um alojamento decente por um financiamento apropriado do Estado, que introduza a mão de obra imigrada, e do patronato, que a utiliza. »

Com o objectivo de terminar com os bairros de lata « bidonvilles », o Congresso pediu : « O realojamento dos trabalhadores actualmente em « bidonvilles », a cargo do governo e dos patrões, e nenhuma expulsão sem haver uma habitação certa. »

Referindo-se às liberdades e direitos sindicais, o Congresso denunciou a repressão policial feita sobre os trabalhadores imigrados e particularmente sobre aqueles que participam à acção sindical; apelou os militantes da C.G.T. a organizar uma sistemática resposta para defender a liberdade e a segurança dos imigrados vítimas da repressão patronal. Mais, o Congresso, considerando como uma tarefa importante para o movimento sindical, obrigar o governo e o patronato a reconhecer aos trabalhadores imigrados o pelo exercício dos direitos e liberdades conquistados pelas lutas do conjunto dos trabalhadores, a pediu às organizações de conduzirem uma acção, na unidade com outras organizações para impor a igualdade de tratamento em matéria de voto e eleição, especialmente para : delegados do pessoal, dos comités de empresa, Sécurité Sociale, abonos de família; dos « prud'hommes »; o direito de eleição, às direcções sindicais; o respeito do direito à greve e o respeito das liberdades sindicais e políticas; a liberdade de associação; a liberdade de imprensa e informação, incluindo na língua materna.

O Congresso considerando que toda a discriminação deve ser abolida, não apenas entre os trabalhadores imigrados e franceses, mas igualmente entre os imigrados de diferentes nacionalidades, pronunciouse

por uma reforma fundamental dos textos que fixam as condições de estadia, de emprego dos imigrados, e tendo em vista a sua situação relativamente à legislação social e do direito civil, pela instituição dum estatuto democrático e social do imigrado.

O Congresso sublinha a necessidade de assegurar a participação massiva dos beneficiários imigrados às eleições da Sécurité Sociale, de desenvolver e melhorar a defesa dos seus direitos neste domínio e em particular ao nível dos conselhos de administração.

A resolução concluiu, declarando :

Para defender eficazmente os interesses duma das categorias mais exploradas da classe operária : a mão de obra imigrada, para a organizar solidamente nos sindicatos da C.G.T., é preciso que com tenacidade sejam postas em acção algumas medidas práticas, cujos resultados já dera provas positivas :

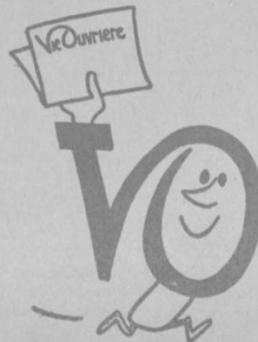
Assegurar a difusão regular de jornais confederais em língua materna.

Editar ao nível das Federações e dos sindicatos, material apropriado.

Constituir em todos os escalões do movimento sindical e sobre a responsabilidade dum militante experiente, comissões da Mão de Obra Imigrada, cujo papel consiste ajudar as direcções sindicais no cumprimento das suas tarefas e desenvolver a constituição e actividade de grupos de língua.

Mas igualmente de se preocupar da formação de quadros imigrados no movimento sindical a todos os escalões e desenvolver a permanência para a defesa social dos trabalhadores imigrados e suas famílias; assim como organizar estágios de formação sindical, especialmente para os trabalhadores imigrados; introduzir a questão da mão de obra imigrada nos programas de educação dos organismos interessados e conduzir uma campanha permanente e sistemática de recrutamento.

O Congresso, consciente da necessidade duma acção particular em direcção dos trabalhadores imigrados recomenda, à Comissão Administrativa para que uma Conferência Nacional se realize durante o ano sobre os problemas da imigração de 1968.



la "Vie Ouvrière"

l'hebdomadaire de la C.G.T. est en vente auprès des diffuseurs, des syndicats de la C.G.T.,

à LA VIE OUVRIERE
18, rue des Fêtes, PARIS-19°

Abonnements :
C.C.P. 4119-17 Paris
6 mois : 19 F
1 an : 36 F
Etranger : 50 F

PROBLEMA NEGRO E SOLUÇÃO "MADE IN U.S.A."



Uma repressão violenta se tem vindo a desencadear nos Estados Unidos, contra as massas populares negras que reivindicam os seus direitos e uma vida decente.

Mas os tanks, as metralhadoras, os cães-polícias, os fusilamentos e as prisões não resolverão os problemas que estão na base das manifestações: a discriminação racial (que serve os interesses do capitalismo), a falta de liberdade, a miséria, o desemprego, política agravada pelas consequências da agressão ao povo do Vietnam.

A exploração dos trabalhadores de cor ilustra a realidade do capitalismo americano, tido como o exemplo do « mundo livre » e ao qual não escapam os trabalhadores brancos, cujos interesses são solidários.

O imperialismo americano utiliza hoje nos Estados Unidos, contra uma parte do povo americano, os mesmos métodos que aqueles utilizados nos diversos países da América Latina como em St. Domingos e outras regiões do mundo.

O Gabinete Confederal da C.G.T. protestou contra a repressão violenta de que são vítimas os trabalhadores e a população negra dos Estados Unidos. Declarou-se solidário das suas aspirações a uma vida melhor, à liberdade, à igualdade e à dignidade.

EM FRANÇA ecos da emigração portuguesa

DISCRIMINAÇÃO CONTRA OS TRABALHADORES PORTUGUESES E SUAS FAMILIAS

José Maximo, trabalhador português, a trabalhar numa empresa de construção civil, faleceu no prosseguimento dum acidente de trabalho.

Este trabalhador deixou sua mulher e quatro crianças em Portugal. O Sindicato CGT, fez o necessário para fazer valer os direitos da família quanto ao capital por falecimento, à renda do acidente de trabalho e à reforma complementar para a mulher e os filhos.

Quando o Sindicato pediu as « allocations » (abono de família), a resposta foi negativa, pelo seguinte motivo: não está previsto na Convenção de Segurança Franco-Portuguesa, assinada pelo general de Gaulle e pelo Dr. Salazar, de atribuir abono de família aos orfãos dum trabalhador português, morto num acidente de trabalho, em França.

Esta odiosa discriminação deve desaparecer, o 36º Congresso da CGT na sua resolução sobre a mão de obra emigrada apelou para a união entre todos os trabalhadores para obter do governo e do patronato francês a igualdade dos direitos em todos os domínios.

Como primeira etapa, a CGT pede para todos os emigrados os direitos previstos para todos os trabalhadores vindos dos países membros da Comunidade Económica Europeia (o Mercado Comum), que neste caso particular beneficiam do direito ao abono de família.

As discriminações que prejudicam os trabalhadores emigrados portugueses e outras nacionalidades devem desaparecer.

A CGT É INDISPENSÁVEL PARA DEFENDER OS INTERESSES DOS TRABALHADORES

Na empresa Pascal, fábrica de pré-fabricados para a construção civil, na região de Lyon, um trabalhador português perdeu um ante-braço após um acidente de trabalho. A direcção da empresa não o queria readmitir, mas a acção do sindicato CGT e de todos os companheiros sindicados da empresa, obrigaram a direcção a dar-lhe de novo trabalho.

40 ADESOES À CGT À ROUBAIX (NORTE)

Os trabalhadores portugueses de Roubaix, ao norte de França, vem de se organizar no Sindicato CGT, fazendo 40 adesões e formando uma comissão local de portugueses, permitindo assim que o Sindicato CGT, se lhes dirija na sua língua materna e os ajude a desenvolver as suas lutas por melhores salários e melhores condições de trabalho.

Nos últimos tempos os trabalhadores portugueses desta região, desfilarão ao lado dos trabalhadores franceses, cantando canções operárias e gritando as palavras de ordem de defesa aos trabalhadores, como na manifestação de 8 de Abril, no desfile do dia do trabalhador do 1º de Maio, na jornada de acção contra a exploração governamental do 17 de Maio, assim como na festa da CGT, onde os portugueses montaram um stande.

Existem também neste departamento, permanências de trabalhadores portugueses, permitindo a defesa dos seus direitos e está em preparação um curso de francês, organizado pelos companheiros portugueses.

A Emigração terminou, é o que decidiu o governo, proibindo ou dificultando mais do que já fazia recusando o passaporte, sem que por outro lado tenha melhorado as condições de vida dos trabalhadores, antes pelo contrário, piorando-as dada a situação económica agravada pelas dívidas contraídas nos países capitalistas para manter a criminosa guerra colonial contra os nossos companheiros angolanos, moçambicanos ou da Guiné.

A nota publicada nos jornais sobre o fecho da emigração, é a seguinte:

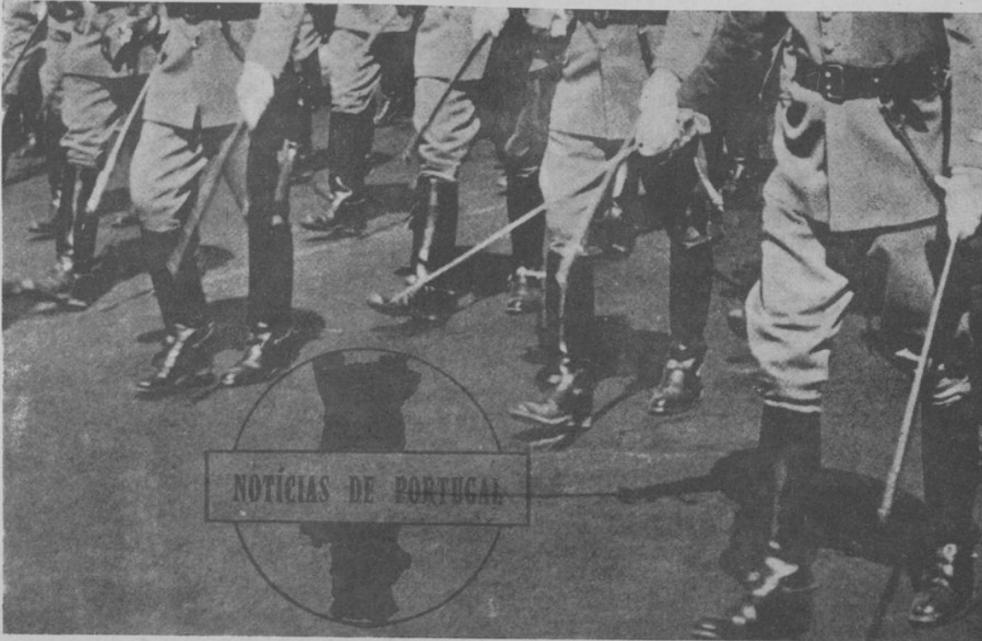
« A Junta de Emigração pede-nos para informar que foi limitada a emigração nos sectores profissionais em que estava a causar graves perturbações à economia nacional, abrangendo essa limitação designadamente os trabalhadores agrícolas e os operários qualificados.

Em face dessa determinação todas as pessoas que pretendem emigrar inclusivamente as que se tenham deslocado ou desloquem para o estrangeiro, sem passaporte de emigrante, estão sujeitas ao referido condicionamento. »

Em Lisboa, no passado mês de Julho, a Polícia Internacional (PIDE), assaltou uma casa e, em condições que não são ainda bem esclarecidas, foi morta uma mulher, Francisca Maria. Por essa altura, foram presos Dinis Miranda, camponês e

« Uma organização secreta portuguesa, a Liga da União Antifascista Revolucionária (LUAR), fez-nos saber que é ela a responsável pelo assalto feito esta semana contra a sucursal do Figueira da Foz, do Banco de Portugal. A LUAR, que se apresenta como uma organização clandestina e não como um partido político, diz que não foi por acaso que roubou um banco do Estado e não um banco particular. Ela fala, inclusivamente, no comunicado, da « recuperação do dinheiro do povo português ». Diz-se da tendência que, antes do seu assassinato, defendia o general Delgado, de quem ela quer vingar a morte. »

O facto do assalto ter sido a um banco do Estado, não quer dizer que apenas o Banco de Portugal guarda o « dinheiro do povo português ». O dinheiro de « meia dúzia » de famílias que tem sido roubado ao povo português, encontra-se no Banco de Portugal, no Banco Espírito Santo, no Banco Burnay, nos Borges e Irmão, no Portugues do Atlantico e outros, além do que se encontra « livre de perigo » nos bancos suíços. Em que será empregue este dinheiro, é o que todos se perguntam. Duma coisa temos a certeza: um golpe foi dado no aparelho de repressão com este assalto. Não foi demais, pois há 40 anos que muitos outros golpes têm sido dados sobre o povo português.



Graciett Casanova, que têm sido torturados pelos carrascos da policia, tão ferozes como a Gestapo que serviu Hitler. Dinis Miranda já tinha sido preso em 1958, tendo conseguido fugir no ano seguinte. Trabalhava na clandestinidade desde essa data.

Estas vítimas da repressão do governo salazarista, são homens e mulheres do povo que ao lutarem contra a ditadura estão a defender os interesses do povo. Um povo que é obrigado a fugir da sua terra para comer e viver mais dignamente, um povo que na sua própria terra é obrigado a pedir esmola.

Portugal à venda. — Enquanto milhares de portugueses continuam a ser expulsos de Portugal pelo terror e pela miséria, o capital estrangeiro continua a invadir o nosso país.

A empresa americana « Great Lakes Properties Inc. », associada ao Banco Portugues do Atlantico, va iconstruir no Algarve uma cidade turística que cobrirá uma área de 39 hectares e terá uma lotação para 50.000 pessoas. O Plano da cidade inclui hotéis, dancings, casino, cinemas, etc. A construção da cidade custará cerca de 200.000 contos. (Jornal LIBERDADE - Julho 1967).

O ASSALTO AO BANCO DE PORTUGAL NA FIGUEIRA DA FOZ

Durante o mês de Maio efectuou-se na Figueira da Foz um assalto a uma sucursal do Banco de Portugal. Nada se sabe de concreto como e quem foi, a não saber uma noticia que o jornal francês « Le Monde » publicou em 21 desse mês de Maio. O teor da nota era o seguinte:

PORTUGUES VÍTIMA DE ACIDENTE MORTAL EM FRANÇA

Besançon (França) - 16 de Agosto. — O emigrante português Herminio Mouco Barroca, de 26 anos, morreu hoje afogado num poço da aldeia de Poisses, ao querer socorrer o operário francês Jean Monnier, que caiu ao verificar o nível de água. Os bombeiros não conseguiram reanimar os dois homens (ANI). — Jornal de Notícias.

Muitas outras mortes se dão, muitos outros trabalhadores portugueses emigrados em França, morrem em acidente de trabalho. Nesse momento já não somos pais precisos em França. Nós aqui só valem enquanto temos força, enquanto carregamos o cimento ou trabalhamos numa prensa. Enquanto a nossa saúde permite que façamos todos os trabalhos, que são os que os franceses recusam a fazer. Somos obrigados a abandonar a nossa terra, o nosso país, os nossos amigos, a nossa família, pensando em ganhar uns tostões para que passemos viver dignamente em Portugal. Aqui em França, trabalhamos como escravos, somos mais explorados que os outros, porque somos estrangeiros e não sabemos falar francês, e dum momento, para o outro ficamos inutilizados ou sem vida. E esta a situação que o governo de Salazar nos cria, proibindo-nos sindicatos que nos defendam e salários que nos permitam viver dignamente como homens, atirando-nos para o estrangeiro, começando com a vinda clandestina através das fronteiras e dos camiões de carneiros, até ao tráfico das cartas de trabalho e dos contratos patronais.



ADERE A C.G.T.

Nome

Prenome Idade

Endereço

Profissão

Empresa onde trabalha

Localidade Departamento

A enviar ou a entregar ao delegado sindical C.G.T. na sua empresa ou à: C.G.T., 213, rue Lafayette, Paris-10°.

O TRABALHADOR

Directeur de la publication: Serge CAPPE.
Rédaction et administration: 213, rue Lafayette, Paris-10°. Téléphone: 208-86-50.
Commission paritaire N° 44.113 Imprimé par une équipe d'ouvriers syndiqués.



LA COOTYPOGRAPHIE, 6 BIS, RUE DENIS-PANFAN, ASNIÈRES SEINE 47371-20 - 47352-55